

ESCRITA DE SI, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS NO GRUPO DE PESQUISA CAIXA DE PANDORA

*ESCRITURA DE SÍ, MEMORIAS Y EXPERIENCIAS EN EL GRUPO DE INVESTIGACIÓN
CAIXA DE PANDORA*

Pâmela Fogaça

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais / UFPel
pamela_fogaça@hotmail.com

Vanessa Cristina Dias

Graduanda das Artes Visuais - licenciatura/UFPel
vanessacristinadias_@live.com

Nádia da Cruz Senna

Professora Associada, Centro de Artes/UFPel
alecrins@hotmail.com

RESUMO

Inspiradas pela utilização do termo *her(story)* nas pesquisas de Maria Brígida de Miranda (2018), o qual a artista adota para sublinhar uma historiografia masculina e a fim de escrever a história a partir das experiências de mulheres, dentro e fora da arte; bem como atentar, enquanto pesquisadoras, para as outras histórias da arte e para quem são as sujeitas escrevendo nas bordas do cânone, como levanta Rafael Cardoso (2009). Nós objetivamos contar o trajeto do Grupo de Pesquisa Caixa de Pandora: Estudos sobre gênero, arte e memória (UFPel/CNPQ), através de uma *escrita de si feminista*, conforme propõe Margareth Rago (2018), narrando e registrando estratégias, rastros e rumos a partir dos estudos realizados nas ações *Lendo Juntas: Circuito I e II* (2018), *Poéticas de Pandora* (2019), *Abraços de Pandora: Diálogos de Artistas e Pesquisadoras* (2021); seus desdobramentos e reverberações, nas pesquisas de cada uma das participantes e trabalhos coletivos, como o vídeo *Vozes de mulheres* (2020).

Palavras-chave: Mulheres Artistas. Feminismo. Subjetividade. Memória.

ABSTRACT/RESUMEN

Inspirándose en el uso del término *her(story)* en las investigaciones de Maria Brígida de Miranda (2018), que la artista adopta para enfatizar una historiografía masculina y para escribir la historia a partir de las vivencias de las mujeres, dentro y fuera del arte. Además de prestar atención, como investigadores, a otras historias del arte ya quién están escribiendo los sujetos en los márgenes del canon, como plantea Rafael Cardoso (2009). Pretendemos contar la trayectoria del grupo de investigación *Caixa de Pandora: Estudos sobre gênero, arte e memória* (UFPel/CNPQ), a través de una escritura feminista en sí, como propone Margareth Rago (2018), narrando y registrando estrategias, trazos y direcciones desde los estudios realizados en las acciones *Lendo Juntas: Circuito I e II* (2018), *Poéticas de Pandora* (2019), *Abraços de Pandora: Diálogos de Artistas e Pesquisadoras* (2021); sus consecuencias y reverberaciones, en la investigación de cada uno de los participantes y trabajos colectivos, como el video *Vozes de Mulheres* (2020).

Keywords/Palabras clave: Mujeres artistas. Feminismo. Subjetividad. Memoria.

POR UMA PESQUISA FEMINISTA EM ARTE

O grupo “Caixa de Pandora: Estudos sobre Gênero, Arte e Memória” é um coletivo de pesquisa feminista atuante na Universidade Federal de Pelotas, liderado pelas professoras Ursula Rosa da Silva e Nádia da Cruz Senna, reunindo, majoritariamente, alunas da graduação e da pós-graduação do Centro de Artes. Atualmente, participam do grupo Bárbara Cezano, Júlia Porto, Luana Arrieche, Milena Sire, Priscilla Mont-Serrat, Tais Galindo, Katiane Ferreira da Silva, Vanessa Cristina Dias e Pâmela Fogaça. Também fizeram parte as pesquisadoras Alice Braz, Angélica Daiello, Mariana Leal da Silva, Mariane Simões, Rafaela Inácio, Rebecca Correa, Diego Soares, Flávio Michelazzo Amorim, Jr. entre outros e outras.

Nós, Vanessa e Pâmela, contamos aqui brevemente, algumas histórias que nos foram compartilhadas pelas professoras, sobre o levante desse grupo de pesquisa que se iniciou formalmente em 2016. E também falamos de outras, vivenciadas por nós a partir de 2018, como quem busca pequenas lembranças, para dividir em uma roda de amigas, memórias como retalhos, recortados de nossas roupas e costurados na colcha coletiva.



Figura 1: Registro da fala da professora Nádia sobre sua pesquisa no VI SIGAM - Simpósio de Gênero, Arte e Memória (2019). Fonte: Acervo do grupo.

A vontade de registro vem inspirada pelas pesquisas das participantes, no resgate de histórias de mulheres e na criação de possíveis arquivos e repertórios com influências de outras mulheres artistas, para preencher esse lapso que todas nós estudantes das áreas das artes temos, quando nos deparamos com currículos e livros cheios de referências

masculinas e nos perguntamos - onde estão as mulheres? E também parte do desejo de criar territórios de pesquisa ético-estéticos, feministas e ativistas, desmantelando silenciamentos, violências e opressões.

Muitas vezes, é só a partir de interesses particulares que temos acesso ao pensamento feminista e de gênero; bem como a documentos sobre o trabalho de artistas, e isso se agrava sobremaneira em relação às obras literárias e artísticas de mulheres trans e mulheres não brancas. Em nossas vivências, pudemos notar a higienização dos espaços de educação em relação a corpos dissidentes; a feminilização da docência em arte em todos os níveis de ensino; e a predominância das referências, palestras, seminários, coletâneas de obras e importantes pesquisas, majoritariamente feitas por e sobre o trabalho de homens cis e brancos, que também ocupam os lugares de prestígio na universidade (MORAES; FARIAS, 2018, p.209). Dessa forma, é evidente que as necessidades na educação e nas referências para artistas, estão para além da representatividade no que se refere à uma possível ilustração do trabalho feminino e de minorias na arte. Implica em críticas e rupturas aos sistemas androcêntricos, patriarcais e epistemologias hegemônicas que operam dentro dos espaços que ocupamos como professoras, pesquisadoras, artistas (FISCHER, 2018, p.298) e em toda a comunidade acadêmica.

A professora da UDESC e pesquisadora de teatro, Maria Brígida de Miranda (2018), diz sobre esse fazer das mulheres que, no exercício de plantar algumas sementes, enquanto cavam com as mãos na terra, acham “por acaso” um tesouro, e conta sobre a estudiosa pioneira em literatura e dramaturgia, Dra. Lúcia Sander, que encontrou no fundo de uma prateleira os textos dramaturgicó de Susan Glaspell, sobre os quais escreveu dois livros (MIRANDA, 2018, p.234). Aliás, a metáfora que Miranda utiliza não é do plantar, mas fala sim de um “cultivo feminista” (MIRANDA, 2018, p.236) ao contar sobre a sua escolha como docente, quando propõe aos grupos de alunas e alunos encenações de obras teatrais escritas por mulheres, sempre trazendo para a discussão as questões de gênero. Essa autora nos diz sobre a invisibilidade do trabalho feminino e fala, a partir da sua pesquisa nas artes cênicas, desse despertar crítico que promovem os encontros das artes com os estudos de gênero. Assim relata:

A primeira impressão é que não existem mulheres escrevendo para o teatro, e se escrevem, parecem não publicar, e se publicam, parecem não ser consideradas relevantes o suficiente para serem lidas. Mas à medida que nos aproximamos dos estudos literários, especialmente daqueles com aporte nas teorias de gênero, temos acesso a uma pletera de textos dramáticos escritos por mulheres em diferentes contextos culturais. (MIRANDA, 2018, p.236).

São os encontros com os estudos de gênero e com o pensamento feminista, que trazem para nós, professoras e artistas as oportunidades para o resgate dessas referências; o entendimento dos porquês desses apagamentos e silenciamentos que atingem a elas e a nós; e que estabelece possibilidades de formar alianças. Assim como Miranda relata em relação aos textos dramáticos e publicações em teatro, em trocas no nosso grupo de pesquisa, constatamos situações parecidas em outras áreas das artes nas quais atuamos, como na performance, no desenho, na pintura, no cinema e na fotografia. E é nesse sentido que Miranda ampara-se no termo *(Her)story*, da pensadora estadunidense Robin Morgan:

(Her)story é um trocadilho em língua inglesa com a palavra (His)tory. Morgan propõe uma performance com o termo History, destacando o pronome masculino “his” [dele] e o substituindo pelo pronome “her” [dela]. A proposta é escrever a história segundo a experiência das mulheres e de uma perspectiva feminista. (MIRANDA, 2018, p.233)

Miranda, assim como Morgan, denuncia uma historiografia masculina e universal; elas nos convidam a (re)escrever histórias a partir das experiências de mulheres. Nesse impulso, começamos no ano de 2021 a fazer alguns resgates sobre a história e pesquisas gestadas no grupo.

OUTRAS HISTÓRIAS - ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS, MICROPOLÍTICAS E AÇÕES

Ainda que tenhamos essas primeiras percepções coletivas sobre a falta de representatividade de artistas mulheres e dissidências de gênero em nossas formações, não somente em relação a essa busca e circulação de referências femininas, como também, de estudos relacionados aos gêneros e pesquisas contestatórias sobre como a cultura patriarcal-capitalista-colonial age na arte, e apesar da constatação de uma historiografia masculinista, como apontam Robin Morgan e Brígida de Miranda, nós acreditamos que conseguimos alguns espaços para os estudos em questão, ou pelo menos, estamos teimando por eles.

Acompanhamos nos últimos anos, seminários e congressos ligados às artes, como: “Seminário Internacional ARTE/GÊNERO/ENSINO em tempos de conservadorismo” (2018), da Universidade Regional do Cariri (URCA, 2018); o “Seminário Arte, feminismos e emancipação” da Fundação Bienal do Mercosul (2018) e a 64ª Feira do Livro de Porto Alegre (2018) com a poeta Maria Carpi como patrona; o Projeto “Histórias feministas, histórias das mulheres” (MASP, 2019), que contou com seminário de mesmo nome; o “Congresso de

Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: Colonialismo e Questões de Gênero” (SESC/SP, 2019); a 12ª Bienal do Mercosul – Feminino(s). visualidades, ações e afetos – Plataforma Online, em 2020; e o VI SIGAM - Simpósio de Gênero, Arte e Memória (UFPEL), que foi realizado em 2019, e do qual participamos como organizadoras juntamente com o Projeto Arte na Escola (UFPEL) e o PET - Programa de Educação Tutorial de Artes Visuais, da UFPEL. São alguns, entre os inúmeros eventos nacionais e internacionais, que reúnem grupos de pesquisa, arte-educadoras, artistas, coletivos, observatórios, núcleos e associações, fazendo avançar os estudos sobre gênero, junto aos espaços formais e informais de construção do conhecimento. Destacamos a criação da disciplina Arte e Gênero junto ao Centro de Artes, oferecida para a graduação em regime universal, o investimento na publicação de dossiês, revistas, livros e *e-books*, atuação nas mídias e a integração em redes de pesquisadoras que realizam essa intersecção entre o pensamento feminista e a arte.

Stela Fischer (2018, p.298), anuncia uma disseminação e interesse sobre os estudos de gênero na produção acadêmica em artes cênicas no Brasil, indicando a importante ação pedagógica dos docentes nesse sentido, e de frentes dos movimentos sociais e de gênero que atuam nas universidades, propondo espaços, muitas vezes, à margem do institucional. Assim como ela, pensamos que isso faz parte de um trabalho de mudança social e resistência coletiva com reflexo em todas as áreas das artes, de luta sobre direitos, equidade e diversidade; e que, em nosso campo, é herança de artistas, pesquisadoras, discentes e docentes, que se impuseram estrategicamente dentro desses sistemas.

No Brasil, desde o golpe contra a presidência em 2016, agravando-se nas últimas eleições em 2018 e com reverberação até hoje, passamos por um momento onde as imagens são utilizadas como munição, sendo disparadas nas redes sociais e meios de comunicação, com ideias misóginas e retrógradas, na forma de discursos diretos e também, a partir de construções subjetivas, influenciadas por essas visualidades. Surgem nas ruas, grandes esculturas verde e amarelo e repetidas danças fascistas. E nas grandes e pequenas telas, vistas por milhões de pessoas em afastamento social, performatividades que maquinam medo, manipulação e ódio. Ao mesmo tempo em que se sucedem uma série de censuras em exposições de arte e no meio virtual. Ocorrências estas, nos mostram que a cultura e arte são campos ativos no processo de experiência histórica e que revelam a importância de um pensamento feminista em nosso campo, da urgência de estarmos atentas e críticas a uma arte que pode afirmar esteriótipos, ser instrumento de poderes hegemônicos e regimes autoritários.

Mencionamos como a presença de mulheres artistas na História da Arte é questionada. Linda Nochlin coloca que a História é narrada por homens brancos europeus e evidencia que os mesmos, deixam de fora toda a produção artística de mulheres e, também, de pessoas pretas, indígenas, latinas, lgbtqi+ e outras coletividades de luta social. Nesse sentido, o grupo Caixa de Pandora, entende que é necessário contar outras histórias, é necessário pautar e pontuar uma outra narrativa, que não a heteronormativa dominante. Já que, como aponta Rafael Cardoso, a história da arte vem mudando, e “já não é mais a mesma”. (CARDOSO, 2009, p. 106)

Reafirma-se a importância do grupo como espaço de fortalecimento, como território sem cerceamentos, que aposta em uma epistemologia da educação crítica e libertária, e tendo como estratégia a leitura de textos feministas, estudos e debates coletivos, que põem em relação às diferentes pesquisas das participantes.

ESCRITA DE SI FEMINISTA: SUBJETIVIDADE E EXPERIÊNCIA

O testemunho tradicional, jurídico e religioso tem face masculina e falocêntrica, fazendo parte do conjunto de controle biopolítico dos corpos, num regime de “verdades” onde o pensamento normativo ocidental impõe hierarquias e valorações, que implicam em exclusão, oposição e a superioridade sobre o Outro. Esse Outro, de condição inferior, é atribuído às mulheres e dissidências de gênero. Tendo seus poderes cerceados para serem submetidas ao controle dos homens, nessas sociedades, as mulheres não são reconhecidas como testemunhas, portanto não adentram a história. Os movimentos feministas e os estudos de gênero vêm atuando na contramão desse apagamento e silenciamento, em prol de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Através do pensamento de Margareth Rago, que recupera a “escrita de si”, no sentido foucaultiano de prática da liberdade e construção da subjetividade que prevê uma abertura ao outro e a apropriação autônoma de si. Pensando que, “narrar é inscrever-se, é constituir-se publicamente, dando visibilidade e sentido à própria vida, é existir” (RAGO, 2018, p. 140), na escrita de si, que aparece nesse trabalho, o testemunho é auricular, individual e coletivo, pois acontece numa rede de relações, longe da lógica falocêntrica do acúmulo de provas, mas, a partir das práticas da liberdade, que são o debate e o diálogo, a troca de ideias e de vivências.

Levamos em conta o nosso contexto vivencial e, através de uma epistemologia feminista e crítica, nos propomos a refletir sobre a historicidade que nos constitui,

entendendo os processos normalizadores, disciplinadores, normatizadores (modos de sujeição) e como reagimos a esses processos de controle, de dominação e de poder, buscando pontos de fuga (modos de subjetivação).

É evidente que a questão da experiência é importante para as integrantes do grupo Caixa de Pandora, pois para nós a experiência se dá numa construção discursiva, em diálogo com a vida, não existindo oposições binárias que "hierarquizam teoria e prática, pensamento e ação". (RAGO, 2018, p. 31) Isto é, trazemos para as nossas pesquisas históricas e artísticas temas da esfera da vida privada, que se imbricam e se entrelaçam ao academicismo, enriquecendo nossos encontros.

Nossas experiências e trocas constituem e constroem as nossas subjetividades individuais e coletivas, numa relação de sororidade. Visamos destacar e refletir sobre experiências pouco teorizadas e estudadas, "experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina". (RAGO, 2018, p. 28) Desse modo, as experiências se constituem dialeticamente nas teorias e práticas que executamos e propomos.

A TESSITURA DA LEMBRANÇA

Esse coletivo nasceu vinculando artes e filosofia, através da realização de alguns eventos que uniam as duas áreas do conhecimento. Começou como um projeto de pesquisa (2006) que reunia interessadas em protagonismos de mulheres artistas e filósofas, para contar suas histórias e resgatar produções. O nome da pesquisa registrada também deu nome ao grupo "Caixa de Pandora: Mulheres artistas e filósofas"(cadastrado na plataforma do CNPq), abrangendo a presença de pessoas de diversas áreas. As pesquisas ganharam outras dimensões e desdobramentos, o que motivou a nova nomenclatura: "Caixa de Pandora: Estudos sobre gênero, arte e memória", tomando rumos, inclusive, mais extensionistas, estabelecendo o diálogo com escolas de ensino básico e a comunidade.



Figura 2: Cartaz do VI SIGAM (2019). Fonte: Acervo do grupo.

Com ecos desse movimento de docentes e discentes feministas, abrindo espaços para suas pesquisas em arte, e pensado em função da necessidade de maior intercâmbio e divulgação dos trabalhos de pesquisa que vinham sendo desenvolvidos pelo grupo, criou-se o SIGAM - Simpósio de Gênero, Arte e Memória, que acontece desde 2008 em média a cada dois anos, tendo sido realizadas 6 edições, que divulgam e publicações das pesquisas apresentadas em anais, livros eletrônicos e dossiês). O SIGAM inaugurou um movimento internacional para pesquisas de Arte e Gênero, convidando colegas da Argentina e do Uruguai e depois, expandindo para Espanha e Portugal. Juntamente com o seminário, ocorrem também exposições de arte, que contam com as produções das artistas-pesquisadoras que vêm partilhar os seus processos. Temos ainda, duas edições especiais de

publicações, que são os livros ‘Gênero, Arte e Memória Ensaios Interdisciplinares’(2009) e ‘Imagens tangenciadas no tempo: estudo sobre representações femininas’(2010).

As pesquisas desde o início compreendem processos e trajetórias de mulheres artistas, para situar discursos e transgressões que rompem com os cânones. Os estudos buscam fundamentar o grupo sobre conceitos, metodologias e abordagens experimentadas pelas pesquisadoras mulheres, responsáveis pelas inovações teóricas nesse campo. Contamos com as historiadoras, filósofas, escritoras, arte/educadoras, curadoras, críticas, entre outras das quais somos herdeiras: Simone de Beauvoir, Joan Scott, Michele Perrot, Linda Nochlin, Heloisa Buarque de Hollanda, Guacira Louro. Também temos acompanhado os desdobramentos e a evolução do pensamento que abriga noções como lugar de fala, teoria queer, interseccionalidade, decolonialismo, ativismo, que propõem outras epistemologias e poéticas de resistência, atualizando os questionamentos desse campo em expansão e contínua afirmação.

A expansão do grupo de pesquisa e as demandas oriundas da comunidade, nos motivaram a empreender ações envolvendo a partilha dos saberes. Desde as palestras, seminários e eventos acadêmicos, que se instauram como lugar de debate e interlocução em circuito ampliado, até as ações nas escolas, museus, associações e espaços informais para ativar diálogos, afetos e provocar atitudes libertárias. Impulsionadas por essas necessidades promovemos oficinas de arte, ações performáticas, ensaios fotográficos, rodas de bordado e crochê, entre outras atividades que conjugam a poética, estratégias didáticas e políticas. Destacamos aqui, as oficinas em torno da arte têxtil como o tricô, crochê, costura e bordado, fazeres rechaçados e pouco valorados pelo sistema das artes, que são retomados na contemporaneidade para ativar percepções sobre o cotidiano, ultrapassar preconceitos e propor viradas simbólicas. A experiência tem nos proporcionado estar juntas com diferentes grupos, crianças, jovens estudantes, mulheres artesãs, professoras, artistas, senhoras aposentadas, mulheres asiladas. Na roda de bordado e crochê as histórias são contadas, memórias e imaginários se materializam nos artefatos, vamos juntas tecendo essa colcha de retalhos e vida. Nesses momentos, coloca-se em prática este citado “cultivo feminista” (MIRANDA, 2018, p. 236), no exercício de escuta, de trocas de saberes e afetos, estabelecidos durante essas ações.



Figuras 3 e 4: Oficina de Tricô e Crochê no Dunas (2020). Fonte: Acervo do Grupo.

A modo desses encontros circulares, já foram desenvolvidas inúmeras ações, como por exemplo: a palestra Criminalidade Feminina: mulheres negras e os homicídios em Pelotas no século XIX (2019); uma roda de conversa e arte têxtil aberta ao público, que aconteceu junto da programação da "Semana Municipal da Mulher 2019", elaborada pela Prefeitura em parceria com a CODIN (Conselho Municipal dos Direitos da Mulher); os livros 'A Arte de Arlinda Nunes' (2019) e 'Harly Couto: Arte como marca de vida' (2020), sobre duas artistas pelotenses; uma oficina-performance oferecida junto a programação do 8 de Março de 2021, levante das frentes feministas de Pelotas, e que foi ministrada pelas integrantes Tais Galindo e Pâmela, a partir de suas pesquisas.



Figura 5: Cartaz da oficina Performance da Percepção, por Pâmela Fogaça (2021).
Fonte: Acervo do grupo.

O grupo acolhe a passagem das discentes durante sua formação e traça alianças com a comunidade e outros grupos de pesquisa na cidade de Pelotas, agindo, por assim dizer, em dois territórios: um de formação como artistas feministas, lugar de elaborações, dúvidas e de autonomia do conhecimento; e outro, de caráter mais extensionista, na tentativa de compartilhar, socializar e colocar em prática um feminismo para todas e todos.

No fim de 2018, a colega Priscilla Mont-Serrat começou a organizar alguns ciclos de leituras de textos feministas que faziam parte da bibliografia pessoal de cada integrante,

e que poderiam aproximar alguns pontos para debate. Lemos autoras como Carolina Maria de Jesus, Silvia Federici, Mary del Priore, Suely Rolnik, Margaret McLaren, Conceição Evaristo, Teresa de Lauretis e Mônica Mayer. Esse movimento deu origem ao projeto “Lendo Juntas”. As reuniões para essas leituras eram e são, sempre permeadas por nossos cotidianos familiares, dúvidas e muitas vezes, significando o apoio necessário para a permanência dessas pesquisadoras na universidade.



Grupo TMP - Te Permite, Mulher. Registro de Dartanhan Figueiredo. Santa Maria. 2018.


CAIXA DE PANDORA

Convida
Reunião de Encerramento
de Semestre

Data: 19 de dezembro de 2018 (quarta-feira)

Horário: 15:00 horas

Local: EPPA 1 - Sala 313 Centro de Artes

Pauta: Texto de Suely Rolnik: Uma Insólita Viagem à Subjetividade. [Mediação por Pâmela Fongança]

Proposta artística: “Cuidar de Si”

Figura 6: Cartaz da primeira reunião que deu origem ao “Lendo Juntas”.
Arte do cartaz: Priscilla Mont-Serrat (2018). Fonte: Acervo do grupo.

A prática de leitura coletiva relacionada às oficinas se repete, como performance e pedagogia do grupo, reverberando em nossas práticas, tal como no ato público realizado em 2019. Diante dos bloqueios de recursos e ataques do governo e do ministro da educação Weintraub, que disse que nas universidades onde houvesse “balbúrdia” iam haver cortes de verba, saímos às ruas. Estudantes e professoras, em defesa à educação, ao direito de ensinar e aprender. Realizamos então, uma ação de manifesto silencioso e continuamos nosso ato de resistência, mulheres estudando, mulheres com livros nas mãos, junto do projeto ‘Lugares livro’, coordenado pela Prof^ª Dr^ª Helene Sacco - UFPel e de outras companheiras do centro de artes. Lemos por algum tempo, sentadas em círculo no chão, compartilhando livros e depois, contando alguns trechos umas para as outras, e para as pessoas que ali passavam.



Figura 7: Ação do Lendo Juntas na Manifestação do 15M, ação do grupo Caixa de Pandora e do grupo Lugares Livro (2019). Na foto, da esquerda para a direita: Priscilla Mont-Serrat, Karina Gallo, Ursula da Rosa, Nádia Senna e Nádia Leschko. Fonte: Acervo do grupo.

As ações do Lendo Juntas e as investigações sobre artistas e teóricas, reverberam nas pesquisas pessoais das integrantes:

Bárbara Cezano é artista visual, arte-educadora e mestra em Artes Visuais pela UFPel. Tendo em vista uma metodologia afrocêntrica e os seus atravessamentos como mulher, negra e artista, aponta as cineastas negras brasileiras como centrais em sua pesquisa, olhando suas estéticas, metodologias e formas de fazer, para viabilizar realizações e distribuições no campo visual;

Júlia Petiz Porto, de nome artístico Julia Pema, é mestranda em Artes Visuais na UFPel. Como artista visual e bordadeira, busca através da sua poética, a costura e o bordado como ferramentas expressivas capazes de resgatar uma história das mulheres, sua pesquisa desvela as relações históricas entre a arte têxtil e o feminino, e a utilização dessas linguagens como forma de resistência pelas artistas feministas;

Katiane Ferreira da Silva é graduanda em Artes Visuais - licenciatura (CA/UFPel). Suas pesquisas permeiam as construções artísticas de mulheres cisgêneras em torno a representação de seus corpos e a relação da produção dessas artistas com os movimentos feministas, tendo em vista as afirmações de suas liberdades e autonomias;

Milena Sire é artista visual, mestranda em história na UFPel, e busca investigar a trajetória e obras das artistas Josefa Palacios e María del Carmen Árraga, nascidas e atuantes no século XIX no Uruguai, e entender as razões históricas e sociais que levaram ao seu apagamento, priorizando destacar suas contribuições artísticas no cenário uruguaio, visibilizando a obra e as histórias dessas artistas;

Luana Arrieche, é bailarina, artista visual e arte-educadora, mestra em Artes Visuais (UFPel). Sua pesquisa é teórica e poética relacionando a criação em videodança e performatividades femininas, através de uma escrita poética e narrativa, a fim de instigar a percepção de novas e pessoais possibilidades de articulação entre as expressões artísticas: neste caso, da Dança e das Artes Visuais;

Pâmela Fogaça é arte-educadora, atuadora, performer e mestranda em Artes Visuais (UFPel). Investiga possibilidades de criação em performance, traçando contaminações entre as suas proposições, e as manifestações públicas e performances feitas por mulheres e dissidências latino americanas, na busca por estratégias de ação e pedagogias, no trânsito entre o íntimo e as coletividades ativistas;

Priscilla Mont-Serrat é mestra pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFPel). Sua pesquisa versou sobre a história das mulheres com foco na imagem da mãe dolorosa, no contexto brasileiro. Esse estudo desenha-se no campo da Cultura Visual, e discorre sobre termos como colonialismo, feminismos e culturas populares;

Tais Galindo é atriz, performer e militante feminista. Mestranda em Artes Visuais (UFPel), investiga as diversas representações da imagem da mulher na arte contemporânea por meio da produção e poética de artistas mulheres, da década de 1960 até os dias atuais, o trabalho convoca para a discussão referências do feminismo materialista, pós estruturalista e marxista, além de nomes da pesquisa em história da arte com foco em gênero;

Vanessa Cristina Dias é pesquisadora, graduanda em Artes Visuais - Licenciatura (CA/UFPel) e desenvolve seu trabalho de conclusão, pesquisando a análise de imagens, mais especificamente de fotografias da arte contemporânea, discorrendo sobre erotismo, produção da subjetividade e sexualidade, sob um viés de gênero feminista e foucaultiano.

Encontros profícuos que trazem a poesia e a escrita de si como práticas, culminaram na produção poética coletiva do vídeo ‘Vozes de Mulheres’ (2020). Para o vídeo trabalhamos com a escrita poética de si atravessada pelo coletivo, Caixa de Pandora, na qual concebemos “as práticas feministas de si”, que implicam numa prática feminista coletiva. Isto é, cada uma das integrantes escreveu um pequeno texto e depois unimos e editamos, tornando o texto único e coletivo. Cada uma gravou o texto com a sua voz e, filmou a si própria realizando uma ação artística de seu gosto ou interesse. As gravações se transformaram num vídeo, em que nossas vozes e nossas ações imagéticas se sobrepõem.



Figura 8: Frame do vídeo ‘Vozes de mulheres’ (2020). Fonte: Acervo do grupo.

Atualmente estamos desenvolvendo um circuito de lives no nosso canal do YouTube¹, chamado ‘Abraços de Pandora: diálogos de artistas e pesquisadoras’, a edição mensal conta com quatro lives já transmitidas e mais três a serem realizadas. O nosso primeiro encontro, foi um encontro inaugural, intitulado ‘Abraços de Pandora: artistas e pesquisadoras em tempos de pandemia’ no qual pudemos contar um pouco sobre a história do grupo, as ações do presente no contexto da pandemia da covid-19 e do isolamento social e nossos planos e projetos futuros.

¹ Canal do YouTube. Caixa de Pandora: arte, gênero e memória. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC-vGZqz60IeKE5I9k8IKzNw>>.



Figura 9: Capa da abertura do circuito de *lives* Abraços de Pandora, por Pâmela Fogaça (2021).
Fonte: Acervo do grupo.



Figura 10: Reunião do grupo Caixa de Pandora durante o isolamento social (2021).
Fonte: Acervo do grupo.

A ideia do circuito de *lives*, foi de sobrepor memória, que é um dos conceitos chave do grupo e atualidade. A cada live, uma das coordenadoras e uma participante atual do grupo convidam um(a) ex-integrante para conversarem sobre as vivências e experiências dentro do Caixa de Pandora e, para dialogarem sobre suas pesquisas acadêmicas. Após a abertura, tivemos nosso primeiro encontro, que aconteceu em julho de 2021, com a participação da coordenadora Prof^a Dr^a Nádía da Cruz Senna e a integrante e mestranda Milena Sire, convidando a ex-integrante Dr^a Rebecca Correa e Silva. Nesse encontro o debate foi permeado por questões da história da arte, resgatando a presença de artistas mulheres nas pesquisas e nos museus.

No mês seguinte, a coordenadora Prof^a Dr^a Ursula Silva e a mestranda Júlia Porto, convidaram a ex-integrante, artista e especialista em artes, Rafaela Inácio para conversarem sobre o fazer feminino e feminista nas Artes Visuais. Em setembro, a Prof^a Dr^a Ursula Silva e a mestranda Pâmela Fogaça, convidaram a mestre e artista visual Mariane Simões para debaterem acerca do pensamento feminista e sua indissociabilidade com os estudos das artes. Ainda em outubro e novembro, teremos as integrantes Vanessa Cristina Dias e Tais Galindo e, em dezembro, faremos um lindo encerramento, relembando e evocando as importantes ações realizadas pelo grupo desde o início da pandemia e do isolamento social.

ECOS E REFLEXÕES

Esse texto é a continuação do exercício poético que fazemos em nossas propostas, para uma outra escritura, sobre pesquisas e ações de e sobre mulheres artistas e pesquisadoras. Brincando com a tessitura da lembrança, refletimos com a ajuda de escritoras e escritores, sobre esse nosso fazer. Escrevemos assim, em exercício coletivo para o vídeo “Vozes de Mulheres” (2020), sobre nossas experiências:

Encontro de mulheres me traz a lembrança de conversas carregadas de experiências pessoais, que nos faz lembrar das nossas histórias, mostra também o companheirismo de ouvir umas às outras. Encontros esses que podem ser numa cozinha, roda de tricô ou na universidade. Conectadas por um interesse comum, criamos um elo de apoio. Apoio esse que serve para nos lembrar que não estamos sozinhas (CAIXA DE PANDORA, 2020).

Os relatos de nossas experiências denotam que, o espaço para as discussões sobre gênero e feminismo, cria redes de fortalecimento e impulsiona a criação artístico-pedagógica. Os pontos dessa colcha coletiva, feita por pesquisadoras e ativistas as quais nos somamos, estampam a pertinência da relação entre arte e gênero (MIRANDA, 2018), abrigam frente aos crescentes ataques conservadores e violentos às artes e à educação, e embasam a ideia de uma arte crítica e do feminismo, como território de revoltas e de práticas de resistência.

Buscamos transformar os modos de conhecer, a partir da produção de afetos como metodologia, e na intenção de fazermos ciência através da perspectiva feminista. Trazendo as questões de experiência e subjetividade, na tentativa de romper antigas fronteiras demarcadas pelo pensamento colonial e patriarcal.

Nosso pensamento e nossas ações não obedecem, nem são submetidas aos códigos normativos, pelo contrário, somos críticas ao patriarcado e ao capitalismo e, através de uma

invenção ética, nos empenhamos na defesa por lugares sociais e culturais onde possamos existir e onde outras pessoas possam existir. Nosso coletivo assume a dimensão de uma prática política de resistência, no âmbito acadêmico e para além dele. Até porque, é “pela fragilidade que a revolução opera” (PRECIADO, 2014, p. 22).

Muitas vezes, o que fazemos nas ações e reuniões pode ser considerada uma “militância menor”. (RAGO, 2018, p. 194 apud DELEUZE E GUATARRI, 1997a) “Menor” entendido como o que “escapa ao hegemônico, que não se deixa apreender pelas codificações normativas e pelas formas biopolíticas de controle e do corpo e da subjetividade”. (RAGO, 2018, p. 194) Trata-se de um espaço coletivo para a “coragem da verdade”, (RAGO, 2018, p.194) onde, em exercício feminista, rompemos com as fronteiras entre o que é denominado público: nossa vida acadêmica, nossa pesquisa; e o privado: nossos cotidianos, amizades, sentires. Coragem para enfrentar os regimes de verdades impostas e criar as nossas, provisórias e impulsionadoras, coragem para enfrentar a história oficial, masculina e universal, e escrever a nossa.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Rafael. A história da arte e outras histórias. In: **Cultura Visual**, EDUFBA, Salvador, n. 12, p. 105-113, Out. 2009, Salvador: EDUFBA, p. 105-113. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/3393/2680>>. Acesso em: 04.09.2021.
- CAIXA DE PANDORA. **Vozes de Mulheres**. Videoarte. Edição: Luana Arrieche. Acervo do grupo. Pelotas, 2020.
- FISCHER, Stela. **A crescente disseminação dos estudos feministas na pesquisa em Artes Cênicas e suas contribuições para a criação de ações disruptivas institucionais**. Urdimento, Florianópolis, v.3, n.33, p. 296-310, dez. 2018;
- MIRANDA, Maria Brígida de. **Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das Artes da Cena**. Urdimento, Florianópolis, v.3, n.33, p. 231-248, dez. 2018;
- MORAES, Andrea; FARIAS, Patrícia Silveira de. Na academia. In: **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. Org: Heloisa Buarque de Hollanda. Companhia das Letras, São Paulo, 1ª ed, p.205-238. 2018.
- NOCHLIN, Linda. **Porque não houve grandes artistas mulheres?** Tradução: Juliana Vacaro. 2. ed. rev. Aurora, São Paulo, 2016.
- PRECIADO, Paul. A coragem de ser você mesmo. In: **Transfeminismo**. Cordel n. 1 edições, Série Pandemia, 2014.
- RAGO, Margareth. **A Aventura de contar-se**. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Editora da Unicamp: Campinas, 2018.